A DINÂMICA DE (IN)SEGURANÇA REGIONAL AFRICANA: O PAPEL DA RÚSSIA NA MATERIALIZAÇÃO DO GOLPE DE ESTADO NO NÍGER.

Vladimir Sa

Graduado em Relações Internacionais pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, mestre pela Universidade Federal do ABC, São Paulo no Programa de Relações Internacionais - PRI e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais - PPGEEI pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

RESUMO

A região do Sahel enfrenta enormes desafios de segurança nacional e o golpe de estado nigerino de 2023 expos series de questionamentos relacionados aos problemas complexas da dinâmica de segurança regional africana que está sufocada pelo terrorismo, conflitos armados, insurreição etnorreligiosa, etc. A crescente presença russa no continente com os seus diversos interesses eleva o nível da preocupação sobre a questão de segurança no cenário internacional, pois as consequências do jogo de poder foram, são e serão sentidas pela população africana no curto, médio e longo prazo. Portanto, o golpe de estado é parte da disputa geopolítica de superpotências na região do Sahel, principalmente entre a Rússia e potências europeias. Desse modo, construiu-se uma retórica antiocidental e antifrancês que foi usada para justificar a interrupção de governos civis na região.

1. Introdução

O continente africano é, historicamente, marcado pelos inúmeros desafios de insegurança. Os golpes de estados e conflitos armados constituem partes significativas dos problemas que desafiam a segurança nacional de muitos Estados africanos. As instabilidades políticas construíram um ambiente vital para perpetuar a insegurança regional no Sahel, tal como o neocolonialismo e a rivalidade entre superpotências mundiais, quais sejam: os Estados Unidos, a França, a Rússia, entre outros (First, 1970; Rodrigues, 2013; Visentini, 2014). Somados com os problemas socioeconômicos, a região do Sahel tornou-se o lar de atividades criminosas desde a sua independência até os tempos presentes, sobretudo no Níger, que se transformou em um laboratório de organizações extremistas, grupos armados não estatais e insurreições étnomilicias (Sitoe, 2020). Esse fenômeno atrapalhou a coordenação do plano de ação conjunta para a segurança regional elaborado por cinco países - (G5) que formam o cinturão do Sahel: Mali, Burkina Faso, Mauritânia, Chade e Níger (Chauzal[1], 2020).

Desde a sua independência, o Níger tem mergulhado numa luta ininterrupta pela insegurança e instabilidade política, passando por uma situação caótica de segurança nacional, destaca-se: (i) golpes de Estado, (ii) insurreição etnorreligiosa, ataques terroristas, entre outros (VISENTINI, 2018). O golpe de Estado ocorrido em julho de 2023 foi uma prova taxativa que os problemas de insegurança no deserto do Saara continuam a perseguir os projetos da segurança na região saheliana. Nos últimos quinze anos se presume que a África subsaariana registrou mais de vinte conflitos armados, interrupção da ordem constitucional, etc., motivo pelo qual houve um aumento significativo do retorno dos militares ao poder. Os governos civis, muitas vezes, são acusados de ser incapazes em revisitar o contrato social proposto por Rousseau. No incumprimento com o pacto social, implode os problemas sociais domésticos e consequentemente maximiza o dilema da insegurança na região. Desta forma, o território do Sahel tornou-se o maior assentamento de organizações criminosas da região e que afeta diretamente a segurança do Níger. Misturado com os desafios econômicos, securitários e socioétnicos,

> Vários grupos armados atuam na região do delta do rio Níger. Muitas dessas organizações possuem raízes em milícias formadas nos anos 1990 que visavam pressionar o governo a lidar com a poluição causada pela exploração do petróleo e com a pobreza que se agravou após as fazendas da região serem arruinadas" (Hairsine[2], 2024, s/n).

---

[1] https://www.sipri.org/commentary/blog/2020/malian-crisis-sahel-breakdown-overview-sipris-work-g5-sahel-region.

[2] https://www.dw.com/pt-br/o-que-est%C3%A1-por-tr%C3%A1s-da-onda-de-sequestros-na-nig%C3%A9ria/a-69246822.

Segundo Prashad (2023), a sucessiva intervenção militar na política nigerina exibe as matrizes profundas dos problemas socioétnicos e econômicos que afetam a segurança do Níger, esses fatores aprofundam as divisões internas do tecido social nigerino. Nessa lógica, Rodrigues (2013) assegura que a pobreza, a fome e a miséria são as condicionantes que viabilizam negativamente os processos de segurança e instabilidade no Sahel, constituindo desafios como a manutenção de segurança regional contra os grupos de insurgentes, grupos armados não estatais, terrorismo, etc. (SITOE, 2020). Outrossim, o golpe trouxe para o debate a efervescência de disputas geopolíticas que carregam a imagem da época de Guerra Fria. A rivalidade entre Ocidente e Rússia na busca pelo espaço de influência é um filme velho no continente, porque os interesses dos dois blocos não se limitam apenas aos interesses políticos e econômicos, mas, também, imprimem o retrato do neoimperialismo falido que objetiva perpetuar o sistema de dominação e exploração do continente. Neste contexto, a presença russa no continente é considerada uma ameaça para os interesses europeus, sobretudo a França (BdF, 2023). Já para o Kremlin, devido ao seu projeto expansionista, usa a África para livrar o país do isolamento internacional e suprimir o asfixiamento econômico.

Na primazia do século XXI, a África passa por um período de reaproximação com a Rússia, reativando projetos de cooperação entre as nações africanas, os acordos foram amparados no projeto de cooperação sul-sul, reativando a memória passada da URSS no continente (Lazziri 2011; Visentini 2013). O reestabelecimento de relações políticas diplomáticas entre Moscou com alguns Estados africanos: Camarões, República Centro-africana, São Tomé e Príncipe, Níger, Burkina Faso, Guiné-Bissau, entre outros, provoca insatisfação no ocidente, principalmente a UE que tem interesses ameaçados em África. Alguns analistas observam que a aproximação de Moscou com os países africano significaria a perda do protagonismo da Europa no continente africano. Pode ser uma análise equivocada, porque os países europeus estão longe de perder suas influências no continente devido às raízes já estabelecidas. Por um lado, é um evento preocupante porque acontece num período em que houve um aumento exponencial da ascensão dos militares ao poder, isso pode impactar na saúde da democracia, insegurança, pobreza extrema, entre outros.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as dinâmicas da insegurança na África Ocidental, e de maneira particular, o golpe de Estado do Níger, observando o papel da Rússia no golpe de estado nigerino de 2023. Nesse diapasão, o objeto da análise foi centralizado no desdobramento do cenário político nigerino, bem como a situação de insegurança no Sahel e no país em questão. As disputas geopolíticas entre a Rússia e países ocidentais, sobretudo os da Europa que relembra os acontecimentos da Guerra Fria do século passado.

Em termo metodológico, utilizamos abordagem interdisciplinar e multidimensional que procura identificar diversos fatores internos e externos para diagnosticar a relação do golpe de Estado nigerino com a disputa geopolítica internacional contemporânea (Beltrão, 2023). Para analisar fatores políticos e socioeconômicos internos que condicionam a explosão de tensões político-militares no país, usamos a metodologia qualitativa como método adequado para analisar a situação (MAY, 2004). Também utilizamos dados quantitativos para descrever questões estruturais do Níger.

O artigo é composto por três sessões, sem contar com a introdução e conclusão. Na parte um (1), falamos sobre disputa geopolítica entre a Rússia-Ocidente na região do Sahel. Na parte dois (2), refletimos sobre o golpe de estado do Níger em 2023. E, por fim, na seção três (3), observamos a relação da Rússia com a junta militar nigerino. Importante ressaltar que a pesquisa está na fase de "***work in progress***". Depois do trabalho ser apresentado e avaliado pela banca, as recomendações de avaliadores/as serão corrigidas, depois encaminhar o trabalho para possível publicação. Portanto, esperamos que essa pesquisa possa contribuir no esclarecimento da temática em questão.

2. Disputa geopolítica entre a Rússia e o Ocidente na região do Sahel

A faixa desértica do Saara, há um período remoto, divide o continente africano em duas zonas de influência política, econômica e militar, que hoje é conhecida como Sahel. A região desempenhava um papel crucial na história do comércio transaariano durante a era imperial. O território, que hoje é conhecido como Sahel, é formado por Mali, Burkina Fasso, Níger, etc., que era dominado pelos antigos impérios de Songhai e Mali (Gissoni, 2023). Os dois impérios exerciam o seu domínio político e administrativo na região de maneira maquiaveliana. O mecanismo servia para afirmar sua autoridade, o uso da força transformou a região numa zona de tensão político-militar e religiosa.

Embora o deserto do Sahel servisse, por muito tempo, como um importante canal de comunicação e principal praça do comércio internacional daquela época, a geografia da região é favorável ao fluxo de comércio internacional porque conectava a África Ocidental e subsaariana ao oceano Atlântico e ao mar vermelho com o resto do mundo. Também era uma zona estratégica que facilitava a expansão da religião muçulmana nos séculos passados. Além disso, é uma região que apresenta uma quantidade significativa de recursos naturais, destacam-se: ouro, ferro, urânio, carvão, entre outros. Por esse motivo, desde os tempos mais antigos, o Sahel foi um território muito disputado pelo controle hegemônico entre impérios: Songhai e

Mali; instituindo as instabilidades políticas e segurança que percorre um longo período da história da região até chegar nos tempos atuais.

Posto isto, Gissoni (2023) sublinha que na busca pelo interesse econômico, o ocidente aprofundou os problemas existentes na região, pois a ocupação colonial francesa, britânica, etc. introduziu nova estrutura político-militar de coerção e dominação. Com o objetivo de explorar o continente, a rivalidade entre as potências dominantes traçou as fronteiras coloniais durante a conferência de Berlim realizada em 1884-1885 - Alemanha (Souza, 2020). Conferência essa que não respeitou as barreiras étnicas, empurrando Estados pós-independência para o ringue de eterno conflito armado e instabilidade política interétnico.

Com a instituição de novas fronteiras geopolíticas que atenderam às expectativas do ocidente, dividiu-se os povos que têm as mesmas expressões culturais, linguísticas e tradicionais em nações diferentes (Galito, 2019). Com isso, eliminou as tensões entre colonizadores, porém instituiu a insegurança e instabilidade política em todo território africano, principalmente no sahel. A estratégia legitimou a cultura de violência como método de impor sua autoridade aos povos não ocidentais, para isso era preciso fragmentá-lo em grupos pequenos. Por isso, é correto sublinhar que adventos da perpetuação da insegurança na zona de Sahel foram frutos de violências implantadas pelos europeus durante a era colonial.

A Guerra Fria reconfigurou a dinâmica da política internacional durante a segunda metade do século passado. A rivalidade entre ocidente e a antiga União Soviética (Rússia) reescreve o mapa geopolítico pós Segunda Guerra Mundial - (SGM), sobretudo no sul global, onde se verificou a interferência política de superpotências globais nos assuntos domésticos dos países do terceiro mundo orientado sob prisma ideológico (Visentini, 2018). Esse fenômeno foi um acontecimento que definiu o rumo da política nacional e internacional de muitos Estados africanos pós-independências, principalmente aqueles Estados situados no Sahel, que foram administrados na sombra de Paris, no qual as relações internacionais foram desenhadas a partir de uma visão realista, o uso de força era justificável para repor a segurança.

O século XXI foi marcado pela forte aproximação entre os países do “terceiro mundo” para mitigar seus protagonismos e na mudança da ordem internacional. O encontro entre as periferias tem como propósito instituir a multipolaridade, posteriormente modificar os padrões de relações internacionais tradicionais, norte-sul, com a presença renovada de novos atores como Brasil, China, Rússia, entre outros (Visentini, 2014). Sendo assim, a África tornou-se um ponto estratégico para expandir o multilateralismo num futuro próximo.

A partir de então, as nações africanas começaram a receber forte investimento dos países acima citados no âmbito da cooperação sul-sul. Há presenças notáveis no continente africano

nos últimos vinte anos dos países como: China, Brasil e Rússia. Ambos Estados também são membros do BRICS (Douggan e Azalia, 2020). A instituição promete desafiar a unipolaridade no sistema financeiro mundial. Nessa lógica, o encontro entre as "periferias" chamou a atenção do ocidente, que avalia com preocupação o cenário do protagonismo da periferia desenvolvida. Por um lado, pode ser um sinal da decadência do domínio ocidental em África. Por outro, pode ser o princípio da afirmação de um mundo multipolar baseado no retorno ao pensamento realista, o militarismo. Alguns especialistas observam que a atual conjuntura política no Sahel acena para um futuro preocupante no cenário da política internacional africana nas próximas décadas. Embora haja "crise existencial" na Europa, é incorreto afirmar que as potências ocidentais estão perdendo espaço para os países em desenvolvimento. Contudo, há sinais que apontam para essa direção, essa perda não será num futuro próximo.

Entretanto, na medida em que aprofunda os laços de cooperação entre as periferias, o cenário político tende a ficar cada vez mais tenso. Mas qual foi o motivo que levantou as tensões geopolíticas entre a Rússia e o Ocidente no Sahel? Por que é que o Níger se tornou o centro da atenção geopolítica de superpotência mundial? Esses e entre outros questionamentos serão desenvolvidos nessa seção.

Como descrevemos anteriormente sobre a geografia do Sahel e a localização dos países que formam a região onde a maioria desses Estados foram antigas colônias francesas até a segunda metade do século XX, o período em que se tornaram independentes, mesmo assim Paris continuou a gerenciar o controle político e econômico na região (Visentini, 2018; Bolarinwa, 2023).

A polémica interesse geopolítica de segurança entre o Ocidente e Moscou na zona do Sahel é um tema complexo e plurifacetado. Esse evento reflete a característica similar da história da Guerra Fria do século passado, porque envolve interesses geoestratégicos, política, segurança militar, humanitárias, econômica, entre outros, foram temas centrais de debate geopolítico contemporâneo. Para Galito (2013), a presença de potências externas na região tem impactos significativos nas dinâmicas de segurança e estabilidade na região. Não obstante, as críticas de Moscou apontam para a direção oposto do cenário. As potências ocidentais provedoras de segurança são eficientes para solucionar os problemas de insegurança na região. Enquanto isso, os ocidentais acusam o Kremlin de tentar minar as democracias já frágeis na região, incentivando a expansão de governos militares no sahel.

Desse modo, verificou-se um crescimento significativo de governos militares nos últimos anos. Segundo o Globo (2023), a presença russa na região do Sahel essencialmente no Mali, Burkina Faso e Níger tem levantado preocupações por parte da comunidade internacional.

A França, Alemanha e os Estados Unidos que compartilham a segurança da região têm manifestado preocupação com ativismo securitário do Krenlim no Sahel, porque o Níger era "a única esperança do Ocidente na região do Sahel" (DW, 2023, s/n).

Com a destituição de Bazoum e o corte no apoio internacional, pode acelerar a insegurança. Em resposta ao golpe de estado, a Europa propõe o fim no programa de fornecimento de armamentos e treinamento para os efetivos governamentais na região (Nexo Jornal, 2023). Esse método pode desestabilizar ainda mais a região já fustigada por conflitos armados e ameaças terroristas e grupos extremistas, sim. Em certa medida, a região expressa ou apresenta uma dependência securitária à potência externa. Por isso, muitos especialistas que trabalham com a questão da segurança africana expressam preocupação com o golpe de Estado do Níger, pois o evento pode ser catalisador de retomada da disputa geopolítica internacional. O encontro de superpotências mundiais no país africano é uma amostra que, possivelmente, estamos perante o início do novo capítulo da Guerra Fria.

O golpe do Níger foi, amplamente, condenado pela comunidade internacional: a UE, CEDEAO, ONU, UA, entre outros blocos internos-externos manifestaram contra a queda do governo civil nigerino, resultado de um processo colonial mal sucedido (DW, 2023). A percepção popular é que "a França não foi capaz de afastar as ameaças desses grupos radicais, se juntando a um renovado ressentimento pelo passado colonizador francês" (CNN[3], 2023, s/p). O ocidente quer intervenção indireta no Níger, usando a CEDEAO como canal de acesso fácil dos seus interesses. Essa é uma prática recorrente do desenvolvimento da política externa europeia para resolução de conflitos africanos. Havia usado a Ruanda para defender seus interesses em Moçambique (Prashad, 2023). Sendo assim, é legítimo questionar: por que é que o golpe de estado de um dos países mais pobres do mundo comoveu o ocidente?

Para LPS[4] (2023), há dois fenômenos que impulsionam as respostas rápidas do ocidente com vista à insurreição ao governo civil nigerino. Ouçamo-lo

> O projeto do Gasoduto Transaariano, que iria da Nigéria para a Argélia, passando pelo Níger, e se conectando à malha de gasodutos europeia já existente, veio ao encontro desse interesse. Com a tomada de poder pelos militares, o gasoduto fica paralisado e a Europa continua em uma posição precária em relação à produção energética. Evidentemente, há um interesse econômico internacional forte no Níger, cujas riquezas e localização estratégica lhe dão um valor que não é repassado a sua população (LPS, 2023, s/p).

---

[3] https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-o-papel-de-franca-e-russia-no-golpe-do-niger/#:~:text=A%20percep%C3%A7%C3%A3o%20de%20que%20a,para%20se%20aproximar%20dos%20africanos

[4] https://lutapelosocialismo.org.br/2657/o-niger-no-centro-da-atencao-mundial.

Tanto a Rússia quanto o Ocidente têm interesses estratégicos na região do Sahel. A disputa geopolítica de segurança entre as duas potências na região tem várias dimensões diversas a serem consideradas: a influência econômica, política e militar. Mas o Kremlin usaria a sua influência para desafiar a presença dos Estados Unidos e da União Europeia. Em função de sanções impostas da invasão à Ucrânia, forçando-os para a negociação da guerra que beneficiaria Moscou, fornecer armas, treinamentos e equipamentos militares é uma forma provocatória que mexe com o equilíbrio da fonte energética europeia que foi utilizada pelo ocidente para suprimir o vazio energético deixado pelo fim do fornecimento do gás russo.

O apoio amplo à influência de Moscou com os governos africanos, fortalecendo suas relações estratégicas no Sahel e com o resto dos países da região, escancara a rivalidade entre Rússia-Ocidente, demonstrndo ser uma briga de cachorros famintos pelo osso desprotegido na guerra pelos recursos minérios africanos, principalmente os do Níger. É importante ressaltar que essa disputa da geopolítica securitária entre a Rússia e o Ocidente na região do Sahel possivelmente não garantiria a paz e segurança na região. Pelo contrário, irá asfixiá-la. Por um lado, os governos militares da região parecem não ter programas governativos de curto, médio e longo prazo para resolver a questão da insegurança regional e nacional. A dependência da ajuda externa e a fragilidade institucional são os fatores que vão impedir avanços do setor da defesa e segurança da junta militar nigerina. Por outro lado, a retomada da corrida para os recursos naturais africanos imprime a imagem do segundo episódio da guerra fria do século XXI em África.

3. Níger e o golpe do Estado de 2023

Desde a independência do país em 1960, a população nigerina testemunhou vários golpes de Estado que contribuíram significativamente para instigar a instabilidade política, a interrupção da ordem constitucional e democrático no país, viabilizando o projeto de desenvolvimento nacional (First, 1974; Visentini, 2018). A gênese dos golpes de Estado no Níger foi, muitas vezes, motivada pela disputa interna pelo poder, descontentamento popular, interferência externa e instabilidade socioeconômica doméstica. Esses acontecimentos fustigam quaisquer esforços que visam promover a manutenção da paz e segurança no deserto do Saara. No entanto, a causa maior da insegurança, até então, é posto de fora, que são os problemas étnicos-sociais.

No que se refere ao Estado nigerino, o país está situado no deserto do Saara, tem divisa fronteiriça com Mali, Burkina Faso, ao oeste, Chad no Leste, Nigéria e Benin ao Sul e Argélia e Líbia no Norte. A nação nigerina tem uma história muito complexa que exige uma abordagem

cuidadosa dos fatos. Visentini (2018, p. 175) mostra que, aos 14 anos depois da independência, o Estado nigerino experimenta a primeira interrupção constitucional, colocou militares no comando do país pela primeira vez até a democratização ocorrida em 1993.

A transição democrática durou poucos anos, o primeiro presidente eleito Mahamane Ousmane assumiu o poder em 1993, três anos depois o primeiro governo civil nigerino sofreu golpe de estado. A nação nigerina mergulhou num ciclo de instabilidade política sem precedentes até as eleições de Mamadou Tandja. Mamadou, um político-militar que pertence ao grupo étnico mista "Fula-Soninké". Esse grupo étnico está fora do circuito tradicional da política nacional nigeriana e Tandja ascendeu ao posto de presidente na rampa dos militares em 1996 e governou o país até 2009. Na tentativa de mudar a constituição para o terceiro mandato, foi deposto em 2010 por militares que o colocou no poder quatorze anos atrás. E foram realizadas as eleições no mesmo ano e o novo presidente tomou posse no ano seguinte.

Quando ocorreu a transição do poder democrático em Níger, em 2011, aparentemente o povo nigerino vivia num clima de estabilidade política. Esse acontecimento fez arrefecer as tensões políticas que assombrava o país. Entre 2011-2021, apesar da situação étnico-social, econômico, etc. não estar sob controle do governo civil, a nação nigerina tornou-se como um dos Estados mais pobres do mundo, algo que contrariou os indicadores de estabilidade política. Pode-se verificar que há dificuldades de o governo democrático cumprir com a cláusula do contrato social de Rousseau, a situação política parece ser estável, porém a desigualdade está longe de chegar à meta. Vários problemas de insegurança apareceram neste limbo de desgovernação, as tensões políticas internas implodiram e o Estado nigerino perdeu o controle da segurança nacional.

O Estado nigerino começa a busca incessante por mecanismos para enfrentar os grupos armados não estatais, firmando acordos de cooperação e ajuda externa (CEDEAO, 2023), somando seus esforços com os demais países da região no combate ao terrorismo, recebendo apoio de superpotências como os Estados Unidos e a França para fins de treinamento militar entre outros (Moraes, 2010). Nessa ocasião, ambas as potências instalaram suas bases militares em duas cidades: Niamey e Agadez para combater grupos insurgentes e milícias "radicais islâmicas". A nação nigerina adotou postura realista de uso de força militar no combate aos grupos armados não estatais, mecanismo mostra ser ineficiente nas resoluções de problemas do terrorismo e instabilidade política doméstica, já que o problema de insegurança serviu de argumento para subtrair os recursos minérios do país, gerando o clima de insatisfação no seio da população nigerina.

Enquanto os problemas sociais causadores da insegurança, o presidente Issoufou não se interessa muito pelo sofrimento do povo, argumenta a junta militar. Para a CEDEAO (2023), as reivindicações populares de certos grupos étnicos eram menos importantes, os protestos são reprimidos pelo Estado, a maioria da população sentia excluída e formaram grupos de rebeldes para opor-se ao Estado, outros se juntaram com os movimentos extremistas já estabelecidos (Polgreen, 2008; Galito, 2019). O presidente Issoufou que governou o país até 2021 não foi capaz de conduzir os projetos que promovem o desenvolvimento social, Bazoum que iniciou em 2021, herdou problemas antigos não resolvidos. O novo mandatário mergulha numa série de acusações ao poder executivo de fazer vistas grossas para servir aos interesses do ocidente, principalmente da França, ou seja, de seguir a cartilha deixada pelo seu antecessor. Razão pela qual assistimos um novo retrocesso político em 2023 que teve como principais fatores aprofundamento de problemas internos e disputas internas pelo poder entre elites urbanas e não urbanas.

Observa-se que, em 26 de julho de 2023, um grupo de forças de segurança nigerinas anunciaram em rede nacional a tomada de poder através de um golpe de estado (OPEB, 2023). O golpe de estado que depôs um presidente eleito em 2022, Mohamed Bazoum, o chefe do Estado que não faz parte da elite étnica (*Hauçá)* do país, contabilizou o quarto golpe de estado em três anos no Sahel. Esse acontecimento além de levantar o clima de incerteza de segurança na região e, principalmente no Níger, cristaliza profunda cisão social na política nigerina. Um Estado frágil, repleto de sucessivas suspensões de ordens constitucionais potencializadas por fatores como: (i) as instabilidades políticas, (ii) problemas étnicos-sociais, (iii) fatores econômicos e (iv) ingerência externa carregada de adjetivos que pode ser classificado como a nação falia (First 1974).

Segundo a DW (2023), a tomada de poder por militares no Níger segue os mesmos traços dos recentes golpes de estado no Mali 2020-2021 e em Burkina Faso em 2022. Na opinião de Alexandre dos Santos, especialista em África, observa-se que o golpe do Níger segue a mesma planilha da região, que é o problema de (in)segurança, cita-se: (i) o governo civil é incapaz de combater os jihadistas, (ii) manutenção dos privilégios da França, (iii) não combater a corrupção de forma efetiva e (iv) a pobreza extrema. Outros argumentos usados pela junta militar foram os fatores da insegurança no Sahel, que são: (a) falta de confiança da população ao Estado, (b) corrupção generalizada e má Governança; (c) fragilidade institucional em fornecer serviços básicos: segurança, educação e saúde para população vulnerável e (d) desigualdade social extrema e marginalização de comunidades isoladas do centro urbano. Por

fim, a disputa pela segurança energética e urânio são motivos de presença estrangeira no Níger (Reis, 2021).

O desprezo pela população distante do centro urbano contabiliza num instrumento potencial que impulsiona os grupos insurgentes no interior do país. As populações desprotegidas pelo poder público, muitas vezes, se juntam com os grupos extremistas, assim nasce o ressentimento de revolta pelo seu país. Em certos casos, esses movimentos apoiam uma figura política ou militar para ascender ao poder, caso do presidente Ibrahim Traoré no Burkina Faso, onde as elites não urbanas recorrem aos seus filhos, sobrinhos ou netos militares como a única saída no esquecimento. Porque as

> [...] comunidades foram totalmente abandonadas pelos duros programas de austeridade do Fundo Monetário Internacional, pelo roubo de seus recursos pelas multinacionais ocidentais e pelos pagamentos para as guarnições militares ocidentais no país. Conformando populações abandonadas, sem uma plataforma política real para falar em seu nome, essas comunidades se uniram em torno de seus jovens militares" (Prashad, 2023, s/n).

O vazio deixado pelo Estado tornou-se material vital para atividades criminosas na região, o movimento de rebeldes Tuaregue chamado M62 nasceu neste limbo de má governança de governos civis (Rios, 2023). Além disso, a primavera Árabe e a queda de Gaddafi contribuiu para aprofundar os problemas de insegurança no Sahel[5] e impulsionou a implosão de tensões políticas nos países da região. Os grupos Jihadistas que eram combatidos pela Líbia se aproveitaram da situação para expandir suas atividades criminosas em direção ao sul do deserto do Saara, beneficiando da fragilidade do sistema de segurança estatal para propagar o terror.

Bolarinwa (2023) sublinha que os fatores acima citados comportam como gatilho para as recorrentes ocorrências do golpe registrado no continente africano nos últimos anos, sobretudo no Níger. Em seguida, também, observa-se que, de 2019 para cá, a África subsaariana sofreu várias tentativas de interferências militares ao poder, no Sahel a situação ficou mais tenso nos cincos Estados que compõem a região, quatro deles são governados por militares, somente a Mauritânia e Algéria que sobreviveram essa onda do coronelismo e militarismo. Os autores como BdF (2023) e Monin (2023) demonstram que as instabilidades políticas não é um caso isolado do Níger, pois

> Os conflitos na maioria dos países da África Ocidental centram-se na natureza e estrutura dos Estados coloniais, que não são facilmente modificáveis para uma resolução eficaz do conflito. Por exemplo, a natureza distorcida do Estado nigeriano e a redistribuição dos recursos nacionais têm sido as principais causas do descontentamento sociopolítico no país. Isso levou à "questão

[5] https://pt.topwar.ru/146921-vtoroj-afganistan-obrazuetsja-v-zapadnoj-afrike-.ht

> nacional" e à agitação por Estados separados por parte do Delta do Níger; Elementos do Sudoeste e Cinturão Médio do país. Da mesma forma, os separatistas de Cassamance continuam a desafiar a soberania do Estado senegalês, o que levou a tensões sociopolíticas no sistema político. Na mesma linha, a busca dos Tuaneg no norte do Mali por maior autonomia do governo central precipitou-se em uma revolta violenta em 2013 que quase consumiu todo o país. O mesmo cenário também ocorreu na Cote'd'ivoire na primeira década do novo milênio (Chauzal & Damme 2015; Piccolino 2018; Theobald 2015; Tella, Doho & Bapeto 2014). O impacto dos Estados coloniais, entre outros, é a ausência de coesão interna e consenso nacional sobre as questões nacionais, em vez disso, a "soberania da bandeira" é sustentada por instrumentos coercitivos internos e externos dos Estados e ex-senhores coloniais (Okon e Williams, 2021, p. 270).

Portanto, é verídico afirmar que o golpe de estado no Níger é a soma de problemas socioeconômico e étnico internos não resolvidos. Contudo, é verídico o entendimento de que os interesses econômicos e geopolíticos de super potências estrangeiras minam qualquer intenção em promover a seguridade social. O mesmo argumento foi apresentado pela junta militar como instrumento para justificar a legitimidade do golpe de estado de 2023. Portanto, olhando para o setor social, é correto afirmar que o Estado nigerino precisa, urgentemente, revisitar o contrato social como meio para resolver os problemas sociais no qual haverá participação de todos atores no debate em prol do desenvolvimento sustentável e da segurança nacional e regional.

As críticas à política externa francesa para a África foram enormes e dividiram opiniões públicas africanas, principalmente no Níger. Várias acusações foram proferidas para França de que o país europeu está a promover: a) neocolonialismo, b) apoio a regimes autoritários, c) intervenções militares controversas, d) falta de transparência em acordos comerciais. Essas críticas têm provocado um amplo debate sobre o papel da França na África, apontando que há uma necessidade de rever a abordagem neocolonial francesa com os governos africanos, a postura que exige respeito à soberania e autonomia dos países, a promoção da governança democrática e o desenvolvimento sustentável. Alguns pesquisadores argumentam que a França precisa reformular a estratégia da sua política externa para a África e adotar uma postura mais cooperativa e transparente para construir relações mais equilibradas com seus parceiros africanos, para cultivar estabilidade, segurança e boa governança regional.

Portanto, tendo em conta que foi posto até aqui em busca por uma resposta convincente, é possível sublinhar que os problemas de instabilidades internas no Níger não devem seguir pensamento realista, mas sim os de segurança e estudos estratégicos da Escola de Copenhague. A Teoria do Complexo de Segurança Regional (RSCT) pode ser aplicada para compreender as dinâmicas de segurança nacional no Níger, porque ela fornece uma estrutura para analisar as interações complexas entre estados e atores não-estatais dentro de uma região específica (Jones,

1999; Marcano e alt, 2004; Hampson, 2008). A internacionalização do sistema de segurança não é uma opção inteligente para resolver os problemas que acontecem na África, principalmente no caso do Níger, pois elimina o direito soberano de uma nação, abrindo possibilidade de haver insurreição interna e golpe de estado.

Diante do exposto, o uso da força estrangeira para repor a ordem democrática não seria uma boa opção. O enviado especial da ONU discorda do protocolo decisório da CEDEAO e da União Africana para solução da crise política no Níger (ONU, 2023). Ele teme que o crime organizado possa se aproveitar dessa situação para expandir na região. "A crise política em curso, sem solução clara à vista, está gerando incerteza e preocupação, pois o país continua a sofrer repetidos ataques de grupos armados não estatais, especialmente perto das fronteiras com Mali e Burkina Faso" (ACNUR, 2023, s/n). Em seguida, as sanções ocidentais e da CEDEAO intensificaram a crise, os imigrantes, solicitantes de refúgio e asilo nos países de vizinhos correm perigos, o povo nigerino corre perigo com a falta de alimento e produtos de primeira necessidade devido a transição de Soudure (ACNUR, 2023). O país desempenha papel social e geográfico muito importante na região, além de oferecer abrigo para as pessoas deslocadas por motivo de conflitos armados. O Níger desempenha o papel da fronteira marítima entre a Europa e África em solo firme no deserto do Saara. Após a queda de Gaddafi, o Estado nigerino serviu como Estado-tampão da migração subsaariana para Europa, algo que pode piorar a situação de segurança. Atualmente,

> (...) o Níger abriga mais de 700.000 pessoas deslocadas à força: 350.000 refugiados e solicitantes de asilo e 350.000 pessoas deslocadas internamente", a maioria são oriundas de países como a Nigéria, Mali e Burkina Faso. O Sahel está passando por uma crise complexa marcada por conflitos, tensões entre comunidades, choques climáticos e insegurança. O Níger tem sido, há algum tempo, um centro para requerentes de asilo e um cruzamento de fluxos migratórios mistos, abrigando pessoas refugiadas de países vizinhos" (ACNUR, 2023, s/s).

Problema de migração ilegal pode agravar a situação de insegurança no país. Agora o Níger desempenha dupla função na região, servir do murro para conter migração de África subsaariana para Europa e epicentro da disputa geopolítica mundial.

4. Relação de Moscou com a junta militar nigerino

As relações internacionais são campo de estudo que consiste em examinar dinâmicas, interações políticas-diplomáticas, econômicas, segurança, etc. entre os Estados no sistema mundial. Desse modo, o cenário internacional torna-se um lugar chave no qual os países buscam intensificar influências externas, promover seus laços políticos com as demais nações com intuito de ampliar a dinâmica interativa, através da extensão de atividade da política externa

para além fronteira. O Estado define um conjunto de ações cooperativas a ser executadas externamente, firmando acordo de cooperação: econômica, política, segurança-militar, entre outros (Souza, 2005). Nesse sentido, a Rússia segue essa orientação para mitigar suas relações com outras nações para maximizar seus interesses no sistema internacional, principalmente com os países do sul global (Lazzari, 2010/1; Visentini, 2014).

A política externa define-se como um conjunto de ações estratégicas elaboradas com intuito de orientar e gerenciar as relações do Estado no cenário mundial, com seguintes objetivos: a) proteger os interesses nacionais no exterior, b) buscar soluções pacíficas, c) firmar acordos de cooperação, etc. No entendimento de Souza,

> A política externa pode ser definida como a atividade pela qual os Estados agem, reagem e interagem. A política externa é uma atividade de fronteira cruzando dois ambientes - o interno e o externo. A implementação de uma política externa requer, por parte do Estado, a utilização de vários instrumentos como, por exemplo, as capacidades econômica e militar. O instrumento militar é tradicionalmente considerado como o mais importante, no que diz respeito às áreas da high politics. Recentemente, os instrumentos económico e tecnológico têm vindo a aumentar a sua importância, quer como resultado da interdependência crescente entre os Estados, quer como consequência dos problemas que envolvem o uso ou mera ameaça do uso da força" (Souza, 2005, p. 144-5).

Souza mostra os espectros da política externa que moldam o comportamento de um Estado listado acima. Segundo Hill (2009, p. 09) apud Freire (2013), "a política externa é constituída pela linguagem, ideias e valores" que constitui a dimensão da cultura política de um país. Em outras palavras, a política externa define e regula a agenda interna-externa de uma nação. Diante desse argumento, observa-se que no princípio do século XXI, verificou-se o desdobramento da política externa russa no cenário mundial procurando estender seus laços para reconquistar seu espaço de barganha (Roseira, 2023). A busca pelo tesouro esquecido no tempo de aflito reconfigurou uma nova roupagem na dinâmica da cooperação internacional Rússia-África durante a primazia deste século.

Como explica Freire (2013), com a chegada do Vladimir Putin ao poder, a política externa russa ganha novos contornos. O Kremlin intensifica sua política externa na busca pelo reconhecimento de uma imagem de superpotência militar mundial. Esse paradigma orienta o pensamento do mandatário do Kremlin na elaboração de uma agenda de política externa ambiciosa, propondo percorrer antigos caminhos para revitalizar antigos espaços perdidos. Posto isto, muitos analistas avaliam essa proposta como uma manobra perigosa para a política internacional.

Nas palavras de Freire (2020), a marca presente da política externa russa está vinculada ao revisionismo histórico adotado como método para guiar ações externas de Moscou, além de

ser um pensamento fadado a uma fantasia ideológica que objetiva perseguir a glória perdida da extinta União Soviética. Portanto, o desejo insaciável do mandatário russo de reimprimir a imagem da Rússia da era passada poderia colocar o mundo na nova corrida armamentista e que provocaria insegurança no mundo (Lebow, 2022).

Refletindo sobre a política externa russa Lazzari, (2011) compreende que nos anos 2000 o Kremlin apresentou uma substância explícita para trabalhar no sentido de expandir os interesses russos internacionalmente, cujo objetivo é reafirmar a posição de Moscou no sistema mundial, exercendo um papel importante ao nível interno-externo na manutenção da ordem global. Assim sendo, a segurança e a defesa são bandeiras que marcam a política externa de Putin.

Com a chegada de Vladimir Putin ao poder, o país busca encontrar passos para reerguer o segundo império romanov do século XXI. O sul global, principalmente a África, tornou-se ponto estratégico de encontros entre as nações emergentes do terceiro mundo com a sua periferia (Visentini, 2014). Desde de 2014, após a derrota política na Ucrânia, Putin intensificou suas relações com a África, Ásia e médio oriente. A partir da Primavera Árabe, Moscou apoia diferentes conflitos armados na Ásia e na África, também serviu de braço forte ao governo de Bashar-al-Assad, OTAN na Líbia, entre outros (Freire, 2020). Nessa fase, Putin começou a se aproximar dos países africanos como mecanismo para satisfazer seu desejo político. A presença na República Centro Africana, em Moçambique, no Mali, no Burkina Faso, no Níger, entre outros, ajuda a explicar a expansão da política externa russa para o continente. E qual foi o seu resultado a curto, médio e longo prazo? Ainda é cedo para ter conclusão correta.

É importante considerar que há alguns fatores que explicam a presença russa em África, principalmente no Níger. Por exemplo, interesses em recursos mineiros, livrar de sanções do ocidente, entre outros. Contudo, não há provas suficientes que comprovem a ligação de Moscou com a junta militar nigerino, algo que nos impossibilita tirar conclusões levianas sobre o vínculo da Rússia com a junta militar nigerino, mas o grupo paramilitar Wagner, o aliado invisível com o Kremlin, age para defender, proteger e expandir interesse do moscou externamente (Cabreira, 2023). Entretanto, a conduta desse movimento tem gerado críticas sobre a postura da Rússia e seu objetivo político no sistema internacional em apoiar regimes autoritários. Braum corrobora com esse argumento explicando que

> O Ocidente, em especial os EUA, acusam o governo de Vladimir Putin de interferir para descarrilar a democracia de algumas nações na África, ao mesmo tempo em que busca aliados para sua posição na guerra da Ucrânia. Já Moscou rejeita as alegações e insiste na ideia de que suas relações com o continente africano prezam pela “estabilidade, confiança e boa vontade". [...]

> a disputa de poder travada entre Rússia e Ocidente na África é mais um capítulo da rivalidade entre esses dois pólos de poder, acirrada especialmente no último ano por conta da invasão à Ucrânia. As circunstâncias cada vez mais complexas incorporadas por desafios como a crise climática, a pobreza e a insegurança alimentar também fazem com que a região se torne um foco de intervenção internacional. [...] recursos naturais abundantes como petróleo e minerais são um ponto importante. [...] o Sahel possui valiosos depósitos de urânio, calcário e fosfato." (Braum, 2023, s/n)

Alguns apontamentos que podem aproximar a Rússia com as acusações levantadas pelas potências ocidentais foram as promessas feitas Por Putin durante a cúpula Rússia-África em São Petersburgos, que demonstra as intenções da política externa do Kremlin para África (G1[6], 2023; CNN, 2024). Outrossim, os registros mostram a presença do grupo Wagner na República Centro Africano, no Mali, Burkina Faso, Líbia, Sudão, Moçambique, entre outros, comprovando a tese de uma possível ligação de Moscou com as novas ondas de golpes em África. Algo avaliado com preocupação, porque as relações russas com África acontecem num momento em que o continente apresenta uma inclinação nítida para o autoritarismo. Muitos líderes africanos cultuam/saúdam a instituição de um poder monolítico baseado no militarismo.

No entendimento de Monin (2023), a África será usada como abrigo do Kremlin para fugir do isolamento imposta pela comunidade internacional em função da invasão de Kiev. O mandatário russo aproveita do trauma histórico do neocolonialismo no continente para implantar e incendiar a germinação do sentimento antiocidente. Para isso, ficou evidente a presença de bandeira russa durante uma manifestação pró-golpe. Quanto a manifestação pró Rússia divide opinião pública, as populações pobres e não urbanas tendem-se a apoiar intervenção russa. Por sua vez, as populações urbanas, de classe média alta e elites políticas, tendem-se a manter fiel ao ocidente. O hasteamento da bandeira russa nas ruas da capital Niamey (Níger) foi protagonizado por um grupo anti-imperialismo que opera para sabotar os interesses francessa na região do Sahel, o grupo denominado o M62. Portanto, o protesto pró Moscou no Níger não foi consensual no seio da população, algo diferente com os manifestantes pró Kremlin no Mali e Burkina Fasso.

Contudo, a Rússia tem intenção em ocultar sua pretensão de retomar a rivalidade do século passado. Conforme dados do SIPRI, Moscou se destaca como um dos países exportadores de armas, a diplomacia armamentista ficou cada vez mais evidente e mobiliza sua aproximação com os países africanos (Roseira, 2023).

---

[6] https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/08/16/por-que-a-africa-esta-se-tornando-campo-de-batalha-entre-russia-e-ocidente.ghtml

O grupo paramilitar Wagner é uma milícia privada que funciona como a extensão da força armada russa, participando nas diferentes expedições militares ao lado de tropas apoiadas por Moscou: na Criméia, na Síria, na República Centro Africano, na Líbia, entre outras. Na África, o grupo oferece segurança e em troca obter licença para explorar recursos minérios do país (Silva, Daniel e alt. 2023). Boa parte desses recursos mineiros são destinados para o tesouro russo. Recentemente, o grupo manifestou seu apoio à junta militar do Mali, Burkina Faso e Níger, onde a bandeira da Rússia foi hasteada pelos manifestantes em favor dos golpes de estados. Portanto, é correto afirmar que o golpe do Estado do Níger abre novo capítulo da corrida geopolítica para África. A presença russa no Sahel é uma retaliação às sanções europeias impostas pela guerra da Ucrânia.

5. Conclusão.

Na impossibilidade de Estados falhados afirmarem suas independências no sentido litúrgico da palavra, ser capazes de solucionar seus conflitos armados internos, seu desfecho prossegue incerta. As insatisfações generalizadas no seio da população, os fatores políticos, econômicos e sociais foram fenômenos que geraram os golpes de Estado no Níger, no Mali, em Burkina Faso, na Guiné Conacri, etc., sobretudo o Níger, um país que tem um histórico negativo de instabilidade política pós-independência. Assim, o país emergiu num clima de insegurança populacional, crises políticas, entre outras, dando espaço para surgimento de diversos grupos extremistas "religiosos islâmicos", terroristas, assim por diante.

De 2011 a 2021, o Níger vive uma situação política estável, centralizando seu esforço no combate aos grupos insurgentes e extremistas. Vale ressaltar que foi período no qual o país era administrado pelo segundo primeiro ministro da França, Mahamadou Issoufou. Issoufou, um político de partido social-democrático nigerino, representante legal dos interesses de Paris, que ignorou os problemas sociais, movendo-os para debaixo do tapete e que, mais tarde, tornou-se a principal causa de instabilidade política no país. A França ainda está agarrada nas fantasias de tempos perdidos do imperialismo que, por sinal, permanece exercendo sua influência até nos dias atuais, através dos governantes marionetes africanas que defendem os interesses da Europa em benefícios frágeis, como a naturalização e o poder, mesmo que esses interesses forem para oprimir o seu povo e saquear os recursos minérios, pois o mais importante é alimentar seus egos autoritários de poder.

Na tentativa fracassada de Paris para manter suas influências com as antigas colônias por muito tempo, é compreensível as três razões da presença francesa em África. O primeiro tem a ver com os recursos mineiros, visto que mais de 15% do Urânio nigerino são enviados

para França. A segunda diz respeito à binacionalidades, uma vez que as altas patentes militares têm dupla cidadania. Por último, o controle monetário, que garante controle político, militar e recursos minérios: petróleo do Gabão, Urânio do Níger, Cacau de Costa Marfim, entre outros.

Na esteira dos últimos acontecimentos nos países africanos, a professora Fiorillo (2023) usa o termo Wagnerlândia para explicar o nascimento de um pan-Estado suportado pelo grupo Wagner, exército paralelo de Moscou. Todavia, é importante questionar como se deu a relação de Moscou com a junta militar nigerino. Como havia sublinhado anteriormente, não há informações disponíveis que comprovem a relação direta entre Moscou e a junta militar nigerino. No entanto, há indícios que demonstram possíveis aproximações de Niamey com Moscou. Destaca-se: a presença dos mercenários do grupo Wagner e o discurso do mandatário russo na cúpula Rússia-África em São Petersburgo, dias depois do golpe de Níger.

Já no Estado nigerino, somando os problemas do país desde a sua independência, é correto concluir que o golpe nigerino tem mais características de antigas mazelas não resolvidas, resultado do neocolonialismo irracional e disputa pelo poder entre os grupos étnicos nacionais. A perda de confiança nos líderes políticos, nas instituições das repúblicas e forças de segurança, aprofundamento da desigualdade socioeconômica, a extrema pobreza, o neoliberalismo primitivo e abandono da comunidade longe do centro urbano foram os fatores catalisadores do golpe de estado de 2023 no Níger.

7. REFERÊNCIAS

ACNUR teme o aumento da crise de proteção no Níger, e pede uma ação rápida. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/2023/08/29/acnur-teme-o-aumento-da-crise-de-protecao-no-niger-e-pede-uma-acao-rapida/. Acesso em: 09/04/2024.

BRAUM, Julia**. Por que a África está se tornando campo de batalha entre Rússia e Ocidente**. BBC News Brasil. 2023. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c03050lmm6po#:~:text=Segundo%20os%20especialistas%20consultados%20pela,de%20propaganda%20e%20influ%C3%AAncia%20cultural. Acesso em: 11/05/2024.

CHAUZAL, Grégory. **From the Malian crisis to the Sahel breakdown: An overview of SIPRI's work in the G5 Sahel region.** SIPRI. 2020. Disponível em: https://www.sipri.org/commentary/blog/2020/malian-crisis-sahel-breakdown-overview-sipris-work-g5-sahel-region. Acesso em: 20/05/2024.

CNN. **Entenda o papel de França e Rússia no golpe do Níger**.https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-o-papel-de-franca-e-russia-no-golpe-do-niger/. 2023.

CNN-Brasil. **Tropas russas entram em base que abriga militares dos EUA no Níger, diz autoridade.** 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/tropas-russas-entram-em-base-que-abriga-militares-dos-eua-no-niger-diz-autoridade/#:~:text=Militares%20russos%20entraram%20em%20uma,contava%20com%20quase%201.000%20militares. Acesso em: 19/05/2024.

DE SOUSA, Fernando. **Dicionário de relações internacionais.** Edições Afrontamento, CEPESE, e autores, Santa Maria, 2005.

DW. O que se sabe sobre o golpe militar no Níger. 2023. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/o-que-se-sabe-sobre-o-golpe-militar-no-n%C3%ADger/a-66366779#:~:text=Onda%20de%20golpes%20na%20regi%C3%A3o,Tandja%20foi%20derrubado%20por%20militares. Acesso em: 12/04/2024.

Estratégia Global. Época de terror: Por que a África odeia a França? 2023. Disponível em:https://estrategiaglobal.org/2023/11/23/epoca-de-terror-por-que-a-africa-odeia-a-franca/. Acesso em: 29/05/2024.

FIORILLO, Marília. Golpe militar no Níger pode transformar o país na "Wagnerlândia". Rádio USP, Jornal da USP e TV USP. São Paulo. 2023. Disponível em: **https://jornal.usp.br/radio-usp/golpe-militar-no-niger-pode-transformar-o-pais-numa-wagnerlandia/#:~:text=Por%20que%20a%20reviravolta%20em,seus%20asseclas%20do%20grupo%20Wagner.** Acesso em: 10/05/2024.

FIRST, Ruth. **The Barrel of a Gun: political power in Africa and the coup d'état**. Allen Lane The Penguin Press, 1970. Disponível em: https://sas-space.sas.ac.uk/3622/5/BarrelGun_V.pdf. Acesso em: 02/04/2024.

FOURNIER, Marcelo. Michel Dobry, **Sociologia das crises políticas, Paris, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques**, 1986. **Política** , n. 12, pág. 123-129, 1987.

HAMPSON, Osler. Human Security. In: Williams Paul D. (ed). Security studies: an introduction. New York. Routledege, 2008. Cap. 16, p. 229-243.

HAIRSINE, Kate. **O que está por trás da onda de sequestros na Nigéria?.** DW. 2024. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/o-que-est%C3%A1-por-tr%C3%A1s-da-onda-de-sequestros-na-nig%C3%A9ria/a-69246822. Acesso em: 21/06/2024.

JONES, R. W. Chapter 4. Theory: Reconceptualizing Security. In: Security, Strategy, and Critical Theory. Boulder, Colo: Lynne Rienner Pub, 1999. (s/p).

LAZZARI, Tiago Colombo. **A política externa russa do início do século XXI: tendências e perspectivas. Conjuntura Austral**, v. 2, n. 3-4, p. ág. 59-78, 2011.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. Cap. VIII – Pesquisa documental: escavações e evidências. Tim May; trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. - 3.ed. - Porto Alegre: Artmed, 2004.

MONIN, **Serguei. Golpe no Níger vira palco de disputa geopolítica entre Rússia e Ocidente**. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2023/08/07/golpe-no-niger-vira-palco-de-disputa-geopolitica-entre-russia-e-ocidente#:~:text=Oficialmente%2C%20a%20R%C3%BAssia%20condenou%20o,de%20outros%20pa%C3%ADses%20no%20N%C3%ADger. Acesso em: 21/04/2024.

O GLOBO**. EUA e Rússia ensaiam nova 'Guerra Fria' na África com disputa de influência e flerte com ditaduras.** 2023. Disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/03/eua-e-russia-ensaiam-nova-guerra-fria-na-africa-com-disputa-de-influencia-e-flerte-com-ditaduras.ghtml. Acesso em: 06/06/2024.

PRASHAD, Vijay. Análise: o que está acontecendo no Níger não é um golpe típico. BdF. 2023. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2023/08/16/analise-o-que-esta-acontecendo-no-niger-nao-e-um-golpe-tipico. Acesso em: 19/04/2024.

REIS, Adolfo Henrique de Assis Ferreira dos. G5 Sahel–A intervenção portuguesa na região do Sahel e os mecanismos de cooperação internacional. 2021.

RIOS, Facundo Federico. Golpe de Estado en Níger 2023: acontecimiento bisagra en la geopolítica de África Occidental. **Perspectivas**, v. 9, n. 9, 2023.

ROSEIRA, Antonio Marcos. O mundo tripolar-geopolítico russo no século XXI e a nova ordem internacional. GEOgraphia, v. 25, n. 54. 2023.

RODRIGUES, Carlos Coutinho. **África Subsariana: perspectivas de segurança e desenvolvimento**. **IDN Brief**, 2013.

SITOE, Rufino. **TERRORISMO EM ÁFRICA: A presença da Ameaça em Moçambique**. Editora. TPC Editora, Maputo. ISBN: 978-989-54801-04. 2020. fl.2037.

SILVA, Wilson Georges e alt. O motim do Wagner e o futuro da presença russa na África. OPEB. 2023. Disponível em: https://opeb.org/2023/07/11/o-motim-do-grupo-wagner-e-o-futuro-da-presenca-russa-na-africa/. Acesso em: 12/06/2024.

SPOSITO, Italo Beltrão. **INTRODUÇÃO AOS MÉTODOS DE PESQUISAS EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS.** / Italo Beltrão Sposito. -1. Ed. - Palmas, TO: EDUFT, 2023. 134p.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. **GUIA DA POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS AFRICANOS**. Paulo G. Fagundes Visentini e equipe NERIT/Cebrafrica-Porto Alegre: Palmarinca e NERINT/UFRGS. 329 p.: IL. 2018. 329 p.:Il. -- (Série Estratégia, Defesa e Relações Internacionais).